

PROSAS

PROJECTO SÊNIOR DE ARTES E SABERES DE SINES

Jornal didático e informativo sobre atividades da PROSAS | Número 22 | Fevereiro a Abril de 2019 | Edição: PROSAS | Impressão: Câmara Municipal de Sines

Visita a Vila Viçosa



O chamamento irresistível

Passeio a Arouca



O Regresso da Ave

Desfile no Corso Carnavalesco



Celebrar a vida

Passeio à Ria Formosa



Editorial

Os três dias de Carnaval passaram velozes, depois de sugar o tutano da alegria e da vida na sua insaciável etopeia. Bailarino e exótico, cheio de som e luz, despediu-se e foi hibernar. O grupo do Prosas, como sempre, esteve presente. Vive-se a Primavera. O passeio a Vila Viçosa foi apaixonante. A participação dos Compadres Alentejanos no festival de Moncarapacho foi aprimorada. Aprimorado foi, também, o grupo coral feminino na sua atuação em Alcácer do Sal. O período terminou com um deslumbrante passeio ao interior montanhoso num delicioso divagar por terras de Arouca. As festas da Páscoa estão à porta e sentimos no íntimo o prenúncio do fim do 2º período escolar. Sem deixar de gozar da beleza dos fins da tarde, retiremos da nossa vida mais e melhor nos dias de férias que se seguirão. Cabe a cada um nós gerir a sua confiança, gozando os prazeres que a natureza nos oferece de modo a celebrar a vida, namorando-a. A altura é propícia. O tempo torna-se mais elástico, fazendo sentir cada momento em cada dia, tudo o que a nossa existência tem de melhor, o reencontro do bem-estar e felicidade. Bem-haja.

A direção

Ficha Técnica

Diretor
Carlos Lopes Paulo

Editor
Vitor Mendonça

Colaboradores
Acácio Garcia
António Courelas
António Ramalhete
Cacilda Silva
Céu Lopes Paulo
Fátima Garcia
Hélder Moreira
Hersília Lourido
Isabel Nascimento
João Marcelino
Victor Mendonça

Associação PROSAS, Projecto Sénior de Artes de Sines, IPSS
Bº 1º de Maio, Fração B, Bloco C2
nº117-A
7520-124 Sines
www.prosas.org.pt
associacaoprosas@gmail.com

Telefone – 269 085 570
NIF 509067336
Universidade Sénior certificada pela RUTIS, Rede das Universidades da Terceira Idade
Nº 22
Fevereiro 2019 a Abril 2019

Celebrar a vida



Sete e trinta em ponto. Hora de partida. Com a coragem de aventura, satisfação no rosto e inefável vontade o grupo, tarameleiro, acomodou-se no autocarro com destino a terras do antigo *Gharb-Al Andaluz*. Apesar da humidade da manhã presentia-se, como promessa, que se iria enfrentar um dia primaveril com torreia de um sol califórnio. “Os Compadres Alentejanos” não iam sós, as consortes acompanhavam-nos, não fosse o diabo tecê-las naquele paraíso terreal, onde as moiras encantadas, pudessem atrair e amaciar alguns espíritos mais escorreitos. Apertado o cinto, o rom-rom do motor acelerou fofoso e a viagem galgaz, teve início. Horas passadas, chegava-se à atuneira vila de Olhão da Restauração, recebidos com toda a cordialidade por gente que sabe acolher. O recital de cante iniciava-se às 15h. Até lá foi tempo de lazer. Uns flanaram pela geometria da cidade percorrendo a pitoresca zona ribeirinha, à espera que o apetite fizesse cócegas. Levavam farnel. À hora de merendar, houve sentida confraternização, partilha e transbordante alegria. Outros desfrutaram de um aliciante passeio de barco, numa sinfonia de água e vento, no gozo da aragem fresca na espetável Ria Formosa. Arribados, seguiu-se o almoço na escola de hotelaria de Moncarapacho onde entre outros pratos, foi servido um excelente xerém. Era chegada a hora do desgarre! Os Compadres Alentejanos do Prosas aguardavam serenos. Aspiravam mostrar o que

valiam. A plateia estava expectante, também ela fervilhava ansiosa. Oliveira de Azeméis entrou em palco, musicou...foi bonito, a plateia bateu palmas. Musicou Aljustrel, mostrou ter garra, foi lindo, a plateia bateu palmas. Os Compadres dos Prosas



surgiram na moldura do palco. Iam cantar memórias, não musicadas. Apelou-se a *Alectrião*(*). O ponto arranca, o tradicional cante Alentejano surge uníssono na voz do grupo, há nostalgia, dimensão social, há vibração. Celebra-se a vida de uma região de encanto. Seguiu-se Monchique, o acordeão sanfonou e o coro ritmou. O grupo de Moncarapacho encerrou o festival com uma surpreendente e linda temática virada para a ficção minimalista. Depois de muita palma, muito agradecimento e demasiados discursos, assim terminou a nossa missão, mas valeu a pena, regressou-se num ritual de alegria e nutrido convívio, mimados na alma e no espírito.

(*)deus grego do cantar
Vitmen Insignis Ignotus

O chamamento irresistível

Sábado. Ao primeiro chilrear da passurada, abandonávamos o litoral alentejano e iniciávamos uma longa viagem, estrada fora, com destino a terras de Arouca. Transitada a planície Transtagana, depois de muito rodar à vista da matizada beleza primaveril com odor misto do endemismo e citriodora, iamós circundando altaneiras montanhas e vales profundos prenes de clorofila e água, até à vista de Arouca. Aquietada num fundo vale, circundada por montanhas, a então Bela Adormecida (assim lhe chamou Jaime Cortesão), revela aos olhos de todos a sua beleza peculiar e alguma pujança turística atual. Depois de saciado o apetite com um sávido almoço, acamado com o verdasco e broa da região, seguiu-se uma visita guiada ao memorável Mosteiro Cisterciense de Arouca, recheado de arte barroca Joanina, onde o corpo impoluto de Stª Mafalda jaz encerrado numa rica urna de ébano e prata, cujas relíquias estão depositadas num pequeno cofre introduzida na figura de cera que se encontra no túmulo. Mas a sublime estesia espicaça-se na visita ao museu de Arte Sacra anexo ao mosteiro, onde o olhar se aguça no valioso espólio sacro, peças bizantinas de ouro e tapetes orientais deslumbrantes. Uma breve divagação pelo medievo burgo deu-nos a conhecer diversos e ricos palacetes de então e curiosos brasões esquinados. Domingo, vigorados por um bom dejejum íamos, por fim, excitar o espírito no propósito do nosso verdadeiro objetivo. No âmago de cada um, instalava-se um zunído de ansiedade que nos fazia sentir como se fossemos os primeiros exploradores à procura de um pouco de Céu na Terra. Debaixo de uma carga de água, pouco a pouco, começamos a descer a escadaria que acompanha o talvegue verdejante, onde o rio Paiva se afunda. Bem lá fundo, acaba a escadaria e começa o passadiço de madeira incrustado numa grandeza selvática, mesmo ali ao lado do estrépito da



torrente do rio. O barulho das águas em turbilhão dedilha os ouvidos, mas estimula. Conforme se progride, a floresta marginal desenha-se majestosa, encosta acima, de chão atapetado de musgo, líquenes e urze, cortada aqui e ali por cascatas que rugem pelo declive abaixo, sustento do Paiva. Conforme se caminha, ali ao lado, o fascínio apossa-se de todos, o rio cada vez mais acrescido pela invernã, curva aqui, curva acolá, corre, ora em tumultuosos e ensurdecedores jupiás de espuma branca, batendo contra fragas de granito ou xisto, ora formando pegos de fundo esmeraldino. O fim do percurso de 8 Km aproxima-se. Descortina-se o ponto de encontro junto à ponte. Os pés exigem um pouco de descanso. A caminhada para alguns foi um pouco penosa, para outros, um presenteio exercício físico. Na verdade, porém, todos se sentiram espiritualmente emocionados com a vivência extraordinária que houve em comunhão inebriante com a natureza. O rio Paiva que caminhou lado a lado connosco, indiferente, lá continuou a sua eterna descida até ao Douro, esgueirando-se sob a ponte, termo do nosso percurso. Depois do almoço, enveredámos à serra da Freita a fim de visitar alguns dos curiosos geositios da região. À saída de Arouca a estrada cresce em corcovas suaves por entre

povoações, dando na vista, casas com airosos telhados de xisto que muito nobilita a região. A subida vai-se acentuando, abalizada por vales profundos, medonhos. Por fim, galgada a encosta, atinge-se os 1.100 m de altitude. O inóspito planalto dos geositios, de cachões de espuma lívida, fendendo as vertentes como cicatrizes, de vegetação rasteira, recebeu-nos com ar gélido e nevoeiro cinério de cortar a vista, com toda a pujança. A natureza, moldada pelo tempo, teve o capricho de premiar o planalto com um fenómeno único no Planeta, que nos pôs a cismar. O geosito das **pedras parideiras**. Para quem visita, “*in loco*,” tem ao dispor um interessante centro pedagógico que, em vídeo, divulga a fenomenologia das pedras e, no exterior, a rocha adormecida mostrando a sua morfogenia. Em pensamento, talvez que alguém esperasse assistir a algum arremesso da minúscula excrescência negra, mas os auspícios acharam não ser dia propício a pariduras. Rejuvenescidos, regressamos a Sines sob o efeito fascinante do passeio a terras de Arouca, convictos de que todos, sem exceção, viveram instantes de jubilosa emoção.



Visita a Vila Viçosa

Vila Viçosa é uma bonita vila alentejana no distrito de Évora com uma história e um património invejável, conhecida por princesa alentejana.

Apesar de pequena é considerada vila museu devido ao facto de apresentar inúmeros monumentos de grande interesse, nomeadamente o fantástico castelo do séc. XIII e o emblemático Palácio Ducal, que durante séculos foi a sede da casa de Bragança.

Também a oferta museológica é variada destacando-se entre outros o museu etnográfico e o da caça. Este último, instalado no castelo, revela-nos uma impressionante sala de troféus e peças arqueológicas merecedoras do título do melhor da Europa.

Arriscando um passeio pelas muralhas, foi-nos ainda proporcionada uma paisagem deslumbrante, a perder de vista, onde o verde é rei.

Mas Vila Viçosa tem muito mais que monumentos. Culturalmente é uma terra rica. São seus filhos Florbela Espanca e Bento de Jesus Caraça.

A sua história faz-se também de gentes, de costumes e sabores com a inigualável gastronomia alentejana em que Vila Viçosa não é excepção. Falamos das açordas, das migas, da sopa de cação, dos belíssimos vinhos e da doçaria que por si só é uma arte.

E de arte, obrigatoriamente, temos que referir a existência de um espólio riquíssimo de peças de mármore encontrado em variadíssimas colecções.

Todos calcorreamos as ruas e ruelas da vila dentro e fora das muralhas. Apreciamos o casario branco, mas certamente muita coisa ficou por descobrir, o que nos deixa vontade de voltar.

Tudo isto foi motivo e contribuiu para que uma sã convivência acontecesse entre todos os que participaram na visita.

Das mais variadas formas foi-nos proporcionado um ambiente agradável e amistoso durante a viagem onde a alegria e o companheirismo estiveram de mãos dadas.

E porque as coisas boas da vida têm



mais sabor quando são partilhadas, sentimos que o Prosas foi muito além do seu objectivo como projecto; tornou-nos numa grande família.

Isabel nascimento

No tempo e no espaço



Um português bobo da corte de S. Petersburgo

Entre cerca de cem pessoas que na corte de Pedro I “O Grande” foram classificadas como bobos mais aptos e considerados, figura um português, descendente de marranos, de nome João da Costa. Bobo da Corte era um título oficialmente dado no tempo dos czares, sendo ofício, por vezes, de sacrifício à custa da própria vida e até da fortuna. José Gvozdiev, príncipe abastado, chegou a ser o bobo favorito de Ivan IV o qual, certo dia, tendo desagradado ao czar, foi recompensado com uma terrina de sopa, vazada a esgaldar pelas costas abaixo para, de imediato, ser apunhalado pelo próprio Ivan. Pedro “O Grande” ao subir ao trono (1682), tomou a iniciativa de ocidentalizar a Rússia, depois de visitar a Holanda, França e Inglaterra. O bobo da corte foi então elevado a um nível de grande importância, nunca usufruído até então, facultando-lhe, com desabridado, ridicularizar os preconceitos e os costumes da sociedade tradicional russa. Lakosta, como João da Costa era designado pelo czar, depois de uma vida errante pela Europa no exercício de várias atividades, estabeleceu-se

em Hamburgo como corretor mas sem sucesso, lá conheceu um diplomata russo e, na esperança de fazer fortuna na recém-capital russa, viajou com ele para S. Petersburgo. Adaptado à nova realidade, exímio em falar parte das línguas europeias aliado à sua natureza amena, inteligente e comunicativo, consegue obter os favores régios e, em breve, é nomeado bobo da Corte (1714). Conhecedor das Escrituras e capaz de discutir teologia, perante uma corte ávida de cultura, depressa se gerou grande e duradoira amizade entre o czar e João Costa, afeição premiada de diversas maneiras, atribuindo-lhe, entre outras benesses, o privilégio de receber mil rublos sempre que Sua Majestade Imperial se esquecesse de propor uma saúde ao bem-estar da família Ivan Mikailovich, isto é, a frota russa. O czar ofereceu ainda a João da Costa a arenosa e quase desabitada ilha de Sommer no golfo da Finlândia. Posteriormente, reconhecido pela sua sagacidade e pelos relevantes serviços prestados nas suas funções, foi-lhe atribuído o título de Rei dos Samoiedos. Segundo o historiador

russo Soloveve em 1719 ocorreu um conflito entre Costa e o médico da corte Lestok. Este apaixonara-se pela filha de Costa e já a tinha seduzido, quando o pai veio a descobrir, resolveu então dar-lhe uma lição, mandando alguns dos seus criados fazer-lhe uma emboscada. Lestok estava armado e quando os criados surgiram, disparou quase os matando. O incidente chegou ao conhecimento do czar e, apesar dos protestos do médico alegando que amava a rapariga e a desejava para esposa, não lhe deu ouvidos e exilou Lestok para Kazan. Mais tarde, a Imperatriz Ana Ivanovna (1739) instituiu a ordem de São Benedetto e distinguiu Costa e Pedrillo, outro favorito, com a medalha da ordem. Falecida Ivanovna, a princesa Ana Leopoldovna (1740), enquanto regente, em nome do sucessor o príncipe Ivan Antonovich, despediu todos os bobos e aboliu o cargo. A partir daí nunca mais se ouviu falar do judeu João da Costa.

Vítor Mendonça

O Regresso da Ave



Numa noite fria de Inverno em que o sono sem motivo aparente não chegava, o meu consciente foi despertado para uma sequência de recordações registadas ao longo dos anos: As minhas primeiras memórias - ainda não tinha 3 anos, as professoras primárias, a costura, o escritório, a Câmara, a D. Manuela, o colégio de São José, as pequenas loucuras dos meus 20 anos, a EDP e o trabalho de tantos anos. A luta feroz mas inglória contra a doença que nascia já vitoriosa. A pré-reforma, O Carnaval, e..., finalmente, adormeci.

E a minha linda amiga ave vermelha de bico doirado veio visitar-me para me recordar um pequenino poema que em tempos escrevi e dediquei a uma colega:

Tu, para quem a vida
é algo mais do que existir,
não pares nunca,
não deixes de subir.
Parar é olhar e nada ver,
é falar a quem não sabe entender.

Percebi a minha própria mensagem e no dia seguinte “mãos à obra” – vou organizar um grupo de Carnaval. Quem poderá ajudar-me? Qual o tema?

Depois de algumas “investigações” consegui um grupinho que considerarei suficiente para a execução e êxito desta tarefa. E o tema? Teria que ser algo que promovesse a nossa Prosas. E eis que ele apareceu – “As nossas aulas”. O primeiro passo estava dado, seguiu-se a escolha das personagens que identificassem cada aula e a pessoa, ou pessoas, que melhor se adaptasse. Seguiu-se a seleção dos

modelos e dos respetivos tecidos.

A 1ª encomenda chegou no dia 13 de Dezembro e, imediatamente, com verdadeiro afã, começámos a trabalhar. Cada peça concluída era uma pequena vitória. Cada sugestão apresentada era uma alegria. E os nossos olhos brilhavam como uma criança que acabasse de receber uma “Barbi” de presente de Natal. E assim fomos prosseguindo, carregando no acelerador, e no dia 1 de Março, no jantar e baile de Carnaval, pudemos informar que as fantasias para o nosso grupo, de 30 elementos, estavam prontas para o desfile no Corso Carnavalesco.



O resto já todos, ou quase todos, conhecem. Foi a alegria de missão cumprida, de acreditarmos, que em qualquer idade, somos capazes de fazer muita coisa, se o quisermos realmente fazer.

O nosso grupinho falou para a rádio e televisão, sorriu, dançou, fez adeus, confraternizou. Mesmo os doentes fizeram questão de estar presentes. Fomos um verdadeiro e GRANDE GRUPO.

“O Homem sonha, a obra nasce e a vida acontece” (Autor desconhecido).

Cacilda Silva



Parabéns!

“Fazer anos”, foi tema nas nossas “Conversas à Solta”, disciplina da qual sou responsável e que há já alguns anos, nos fazem encontrar às terças e quintas feiras, na PROSAS, a nossa Universidade Sénior, onde somos mais felizes, mais confiantes, mais ativos e até mais saudáveis... na PROSAS onde partilhamos os nossos saberes (já alguns de nós entrámos alunos e ficámos professores) ... na PROSAS onde sócios, alunos, professores, funcionária, se envolvem para fortificar o convívio, socialização, bem como nas aprendizagens vivas a locais de estudo, viagens, passeios, até nas apresentações públicas do nosso teatro, cantares, encontros...

O nosso amigo, sócio e antigo aluno de Antropologia, o senhor Maurício (o senhor das “caldeiradas” mais conhecido de Sines), fez 92 anos. Olhamos com admiração este amigo que ainda conduz o seu automóvel, canta os seus “fadinhos”, alegra-nos com as suas estórias, passeia e viaja com a PROSAS e brinda-nos com exemplos de confiança, auto estima e um ENORME gosto pela vida.

Ao dar-lhe um abraço, sorriu e sussurrou-me: - O melhor da vida, são os AMIGOS.

PARABÉNS, querido amigo!

Maria do Céu Lopes Paulo

Prof. Maria

Na continuação das entrevistas feitas aos nossos professores, hoje apresentamos a que foi feita à nossa professora de Espanhol.



Prosas – Bom dia Maria. Fale-nos um pouco de si.

Prof. Maria – Pois bem, eu sou espanhola. Nasci na província de Andaluzia, na cidade de Málaga, há 52 anos. Sou casada e tenho 2 filhos.

Prosas – Maria, já está em Portugal há muito tempo?

Prof. Maria – Sim, bastante. Já estou em Portugal há 25 anos! Os meus filhos já nasceram cá.

Prosas – Posso perguntar-lhe porque veio para Portugal?

Prof. Maria – Vim por causa do trabalho do meu marido. Ele é médico e veio fazer o internato em Portugal. Após terminar esse mesmo internato, passou ao quadro do Centro de Saúde de Santiago do Cacém.

Prosas – Então já vive há 25 anos no Alentejo?

Prof. Maria – Não, porque vivi e trabalhei em Lisboa no aeroporto durante 10 anos. O meu marido, durante este tempo, ia e vinha todos os dias à excepção de quando estava de

banco. Após o nascimento do nosso 2º filho, então resolvemos mudar-nos todos para o Alentejo e já lá vão 15 anos.

Prosas – Sendo assim já é uma espanhola alentejana!!

Prof. Maria – Ambientei-me muito bem ao país, às pessoas e também à comidinha portuguesa!!!

Prosas – Maria e como é que veio parar à Prosas?

Prof. Maria – Foi através do convite de uma amiga, que também é vossa aluna. Como eu vivo em Santiago do Cacém e ela também, encontrámo-nos e ela perguntou-me se eu não gostaria de vir dar a disciplina de Espanhol, uma vez que o professor que a dava, teve que mudar-se para Lisboa por motivos familiares. E eu aceitei.

Prosas – Que bom Maria, ter aceite. E então conte-nos como tem sido esta experiência de dar aulas a estes alunos menos jovens!!! São difíceis de aturar?

Prof. Maria – Oh não! (risos). Tem

sido uma experiência enriquecedora porque a faixa etária destes alunos, permite que todos nós aprendamos uns com os outros. São pessoas com muita experiência de vida e eu gosto mais de dar aulas a adultos do que a crianças.

Prosas - Acha que a sua aula se pode adaptar a qualquer pessoa?

Prof. Maria – Sim, sem dúvida, porque são as pessoas que pedem o que querem. Eu nunca pensei que a minha língua me servisse de ferramenta de trabalho, portanto qualquer assunto ou tema que se queira abordar, fá-lo-emos.

Prosas – Maria, falemos agora um pouco da sua participação e da do seu filho, no nosso grupo de Carnaval.

Prof. Maria – A experiência foi muito positiva e muito engraçada, porque à medida que os dias iam passando, íamos gostando cada vez mais, apesar de estarmos mais cansados, tanto eu como o meu filho Quino.

Prosas – Pois foi muito boa a vossa participação e a Prosas agradece muito. Foi a cereja no topo do bolo uma espanhola de gema e seu filho, ambos “muy guapos” e simpáticos, representarem a disciplina de Espanhol!!

Prof. Maria – Nunca tínhamos participado em nada semelhante, mas gostámos muito.

Prosas – Muito obrigada Maria, por prescindir de algum tempo livre, para fazer parte desta família, para a qual todos nos disponibilizamos para minorar um pouco a solidão de alguns e contribuirmos para o convívio, a amizade e a alegria de viver de todos os que frequentam a Prosas.

Prof. Maria – Faço-o com muito gosto.
Prosas – Bem-haja, Maria.

Entrevista de Fátima Garcia

Desporto para todos

Todo o grupo tinha um firme propósito. Mas será que todos conseguiriam? A chegada ao local combinado, junto às águas bravas do rio Paiva, foi de grande expectativa. Tomámos conhecimento, in loco, do que nos esperava - percorrer os 8 kms dos Passadiços do Paiva, através de passadiços planos, inclinados, com escadas e caminhos de terra batida. Começou a grande caminhada.

Os mais destemidos enfrentaram a primeira escadaria parecendo que faziam aquilo todos os dias. Os mais comedidos e avisados, sabendo que aquele percurso era difícil, foram poupando energias. Após os primeiros quilómetros o grupo, que no início era coeso, apresentava já uma certa distância entre os primeiros e os últimos. Contudo todos pareciam confiantes. Um sentimento que todos pareciam partilhar, era que o percurso pelos "passadiços" atravessava uma paisagem luxuriante e que sempre seria acompanhada e embalada, até ao final, com o som do rio que corria sempre ao nosso lado. Alguém comentou que parecia atravessarmos um "oceano" repleto de natureza pura e bela.

Após muito quilómetros e alguns terem preferido fazer a parte final do percurso de táxi, os mais sofredores (ou não) continuavam o seu caminho,



alguns já indiferentes aos Geossítios ou sejam os marcos geológicos, por onde íamos passando.

Ao chegar ao final do percurso, todos pareciam satisfeitos mas todos cansados (creio eu) e Indiferentes à chuva que caiu quase constantemente todo o percurso. Aqui já poucos tinham energias para ver o último Geossítio ou seja o acidente geológico da Falha da Espiunca. Contudo, uma coisa todos vimos bem e com alegria, foi a chegada do autocarro que nos iria levar de volta ao hotel para um merecido banho (que a gerente do hotel fez o favor de nos conceder apesar de já ter passado da hora do check-out). De seguida almoçámos e para nos lembrarmos que vínhamos do Alentejo e que não estávamos nada cansados dos 8 km dos Passadiços..., cantámos uma moda, do repertório, do Grupo dos Compadres do Prosas.

Hélder Moreira

Meu Neto Tomás

São tempos, são dias, são anos
É o movimento da vida activa
É o quotidiano dos humanos
Numa esperança que se idealiza

Um ontem, um hoje e um amanhã
Numa esperança de querer viver
Um desejo em alma sã
Que não nos deixe sofrer

A vida activa é um sucesso
Que nos dá força e emoção
É num constante progresso
Que nos agarra à paixão

Cresce, anda, pula e salta
Meu neto do coração
Vive sempre em maré alta
Com a força da gratidão

Sê grato no nosso Mundo
Um exemplo de gratidão
É sempre um desejo profundo
Viver com o coração

O coração que nos anima
Que nos ajuda e dá paixão
Será sempre uma estima
Que amamos com gratidão

António Courelas
Sines, 25 de Abril de 2018

Os Petiscos do Acácio

Hoje confeccionamos um novo Prato Principal, desta vez de carne:

Iscas à malandro

Ingredientes:

- 1 Kg de fígado de porco em iscas
- 3 dl vinho branco
- 2 Colheres de sopa de vinagre
- 2 Dentes de alho
- 2 Folhas de louro
- 2 Colheres de sobremesa de colorau
- 2 Colheres de sopa de manteiga ou banha
- 1,5 Kg de batatas
- 1 Limão
- Sal e pimenta q.b.
- 1 Molhinho de salsa picada

Confeção:

Numa tijela coloque as iscas, junte o vinho branco, vinagre, alhos esmagados, louro, colorau e pimenta e se gostar, uma pitadinha de cominhos, mas nada de sal.

No dia seguinte, descasque as batatas, corte-as às rodela e coza-as em água temperada com sal.

Escorra muito bem as iscas aproveitando o tempero e tempere-as com sal. Numa frigideira, leve ao lume a banha e deixe aquecer bem, frite nela as iscas de ambos os lados e retire-as para um prato.

Na gordura deite o tempero das iscas, deixe ferver e apurar, junte-lhe depois as iscas fritas, deixe apurar mais um pouco, deite umas gotas de sumo de limão e sirva com as batatas cozidas, polvilhadas com salsa picada.

Bom apetite!

O sobreiro e o eucalipto

O sobreiro e o eucalipto são dois amigos leais;
Um dá cortiça, o outro dá madeira, por isso não são iguais.

- Sobreiro, vou-te dizer, tu és um ingrato,
Pois até quem te plantou foi uma enxada e a mim quem me plantou foi um rato!

Diz o eucalipto: "Eu sou o primeiro, já fui passear ao estrangeiro!"

- Pois olha lá, ó eucalipto, eu já corri o mundo inteiro.

Eu fui à mesa do rei, fui à mesa do doutor e também à mesa do engenheiro.

E com a rolha da cortiça engarrafei o bom vinho que consola o mundo inteiro!

Manuel Augusto Silva